

Antonio Carlos Machado

Safra

Amarga

(VERSOS DE ARTE-MENOR)

GRÁFICA E EDITORA BERTHIER

Passo Fundo

1983

Depois de carregar substancial contribuição ao ensaísmo gaúcho e incursionar ocasionalmente pelos caminhos da ficção em verso, Antonio Carlos Machado retorna ao gênero poético, desta vez em volume, dando à estampa o presente opúsculo.

Advogado, jornalista e escritor, nascido em Santiago-RGS, com demorada passagem pela imprensa do Rio de Janeiro, onde exerceu múltiplas atividades no vespertino "A Noite" e em outros importantes periódicos da época, entre eles "A Vanguarda", na qual ocupou o cargo de redator-chefe, após a gestão de Oséias Motta, o autor foi também colaborador da revista **Província de São Pedro**, fundada por Moysés Vellinho e da **Revista do Museu Júlio de Castilhos**, quando dirigida essa publicação o Prof. Dante de Laytano. Escreve no Correio do Pvo desde 1948. Por esse tempo lançou o mensário **Querência** que, apesar das poucas edições, marcou interessante momento na revalorização do nosso regionalismo liderada pelo 35-CTG., de cujos primórdios participou, ao lado de Manoelito de Ornellas.

Eleito no mesmo ano para a Academia Rio-Grandense de Letras, Antonio Carlos Machado é sócio de honra de várias instituições de cultura do país e do exterior, podendo-se mencionar o Instituto de Cultura Americana da La Plata (Argentina) e o Grupo Americanista de Intelectuales y Artistas de Montevideú.

Antônio Carlos Machado

Safra Amarga
Versos de Arte Menor



Passo Fundo
2012

Antônio Carlos Machado

Safra Amarga

Versos de Arte Menor

Passo Fundo
Projeto Passo Fundo
2012

Projeto Passo Fundo

Página na internet: www.projetopassofundo.com.br

e-mail para contato: zanette@zanette.com.br

Disponível no formato eletrônico /E-book.

Do Livro Poesia, -Passo Fundo: P. Berthier, 1983. 56p.; 21cm.

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sitio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença

[Creative Commons Atribuição-Compartilha Igual 3.0 Não Adaptada.](#)

Para ver uma cópia desta licença, visite:

creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt_BR ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, Califórnia, 94041, USA.

Revisado em: 11/05/2012

M149s Machado, Antônio Carlos

Safra amarga [recurso eletrônico] : versos de arte-menor / Antônio Carlos Machado. – Passo Fundo : Projeto Passo Fundo, 2012.

E-book (formato PDF).

ISBN 978-85-64997-44-8

Modo de acesso: World Wide Web:
<<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

1. Literatura brasileira. 2. Poesia. I. Título.

CDU: 869.0(81)-1

Bibliotecária responsável Schirlei T. da Silva Vaz - CRB 10/1364

SUMÁRIO

SUMÁRIO	7
SAFRA AMARGA	9
TEMPESTADE	11
OBRIGADO, DEUS !	14
O TRISTE MOMENTO	15
PERGUNTA INUTIL	16
INSTANTE OPRESSIVO.....	17
A SÓS NO DUNAL	19
ELEGIA AO CREPÚSCULO	21
SOLFA VESPERAL.....	22
ESTIAGEM.....	24
HEXACÓRIDOS	27
CONFITEOR	28
ENDECHAS AO ESCURECER.....	30
LITANIA OUTONAL.....	31
FRIOS REVÉRBEROS.....	32
EFLÚVIOS DA TERRA.....	34
BATUQUE	38
QUADRAS SOLTAS.....	40
VULTOS DISTANTES.....	43
RENATO DA CHUNHA	43
FRANCISCO RICARDO.....	43
VARGAS NETO.....	43
LOBO DA COSTA	44
OLMIRO AZEVEDO	44
NOITES MANSAS	45
NOS MEUS TEMPOS	46
CANTIGA DO BEM-ME-QUER	47
RÉQUIEM EM SURDINA	48
ÀSPERA VIVÊNCIA	49

DONA VIDA.....	50
FLOR-DAS-ALMAS	51
HORA NOTURNAL	52
CRUZ NA SOLIDÃO.....	53
SINAIS DOS TEMPOS.....	55
DESOLAÇÃO	57
DESCOBERTA.....	58
NA PRAÇA	59
SONETILHO MÍSTICO.....	60
NA HORA DOS DESCONSOLOS	61
SEPTETOS EM SUSSURRO	62

SAFRA AMARGA

Desta safra amarga
Eis o que restou:
Tão pesada carga
E o triste que sou!

Amigo, não chores
E nem sintas dó.
Há dores piores
Perdidas no pó!

Quem dores não sofre?
Agruras sem fim
Guardo em roxo cofre
Bem perto de mim!

Amigo, não chores
E nem sintas dó.
Há dores piores
Perdida em pó!

Que gosto citrino,
Que ácido sabor,
Constante refino
Em cada tremor!

Adejo aquilino
No céu multicolor!
Sou só desatino
Com asas de dor...

Viver bem mofino,
Sem fé nem calor,
Meu falho destino,
Tenaz pungidor!

Amigo, não chores
E nem sintas dó.
Há dores piores
Perdidas em pó!

TEMPESTADE

Ulula a tormenta,
Há lemes perdidos !
Na noite agourenta
Há resto de naus
E mastros partidos
Em fragor de cáos !

Em pasmos mergulho,
Há botes que tremem !
E cresce o marulho
Das ondas que gemem!

Padeço presságios
Ao ver os abrolhos !
E trago naufrágios
No abismo dos olhos !

Terríveis bramidos
Em louco vaivém !
Meus loucos gemidos
Abrigos não têm !

Avulta o rochedo
- Sinal de degredo –
Promessa de fim !
Há mares de medo
Bem dentro de mim !

Ò vento não tragas
Noites de horror!
Há brumas nas vagas,
São brumas de dor!



Nenhum escaler,
Cegos farolins !
Meu grito quer,
Além dos confins,
Sem ecos sequer,
Sem vozes afins,
Clamar e clamar
Perdido no mar !

Na costa as marés
Vomitam destroços !
Restos de galés
São restos de ossos !

Crocitantes aves
Adejam ao léu !
E restos de naves
Já somem no céu !

Há medos horrendos
Que sorvo revel,
Em choros tremendos,
Na taça de fel !

Terríveis bramidos
Em louco vaivém !
Meus loucos gemidos
Abrigos não têm !

Batéis sem amarra
Vacilam incertos
Nos longes da barra
De nuvens cobertos !

Há tristes lamentos
Nas sombras do cais,
No clamor dos ventos,
Que sopram fatais !

Em pasmos mergulho
Há botes que tremem !
E cresce o marulho
Das ondas que gemem !

Preciso faróis
Prá barcos salvar !
Há tardes sem sóis
No porto a chorar !

Sou folha atirada
Na força dos ventos !
Sou voz sufocada
Por muitos tormentos ...

OBRIGADO, DEUS !

Obrigado, Deus ! Eu vejo !
Ouço dos outros a voz !
Olhando cegos fraquejo,
Os surdos sofrem tão sós !

Obrigado, Deus ! Caminho !
Vendo trôpegos padeço !
Que mau destino daninho,
Sem passos muitos conheço !

Obrigado, Deus ! Eu falo !
Tantos mudos aqui, além,
Nem gritos podem soltar !

Meus velhos prantos não calo !
Quanto lágrimas não têm !
Tu, Deus, me deixas chorar ...



O TRISTE MOMENTO

Na hora calada
Estou sem ninguém !
Apenas o nada
Eu sinto também !

Procuro esquecer
O triste momento,
Mas todo meu ser
É apenas lamento !

Não posso olvidar
O corpo sem vida,
Qual anjo de altar,
Qual flor fenecida,
O imenso pesar,
Dor tão sentida !

No mundo prossigo
Errante, sem meta,
Mas trago comigo
A pena secreta
Que dentro de mim
A vida projeto
Num eco sem fim...



PERGUNTA INUTIL

Mudaste ? Que vejo ?
Teus olhos tristonhos,
Com braço lampejo,
Deserto de sonhos !

Há males profundos,
Há falta de bens,
Há traços bem fundos
Nas dores que tens !

Teus sofrimentos?
Afetos banidos,
Desfolho nos ventos,
Cortejo de olvidos !

Mudaste ? Que vejo ?
Olhares perdidos,
Em mudo desejo
Teus olhos franzidos...

INSTANTE OPRESSIVO

Que negros arpéus
Teu olhar-tentação !
Ah ! mudos-mundéus,
Olha-alçapão !

Longe de convívios,
Bem fechados em mim,
Eu só quero alívios,
Torres de marfim !

Ó flor-bracatinga
Como cresces depressa
Tua dor choraminga
Arrastada, sem pressa !

Prefiro que cales,
Silêncios juntas !
Transbordo de males,
Nada me perguntes !

Ricas madressilvas
Tingem o terraço !
Despojadas silvas
Que faço e desfaço !

Pombas em coorte
No campo recurvo
Sem asa simétrica !
À sílaba forte
Eu todo me curvo
No jogo da métrica !

Ressoam meus passos
Em velhos escombros !
Tremendos cansaços
Carrego nos ombros !

Pedentes das costas
As mochilas bem juntas !
Procuo respostas,
Mas ouço perguntas !

A SÓS NO DUNAL

Presa como chumbo
O rubro mormaço !
Ao tédio sucumbo,
Em dor me desfaço !

Saudade – visão
Do tempo já findo !
Brutal arguilhão
Ferindo, ferindo !

Nasci menestrel,
A lira no braço !
Há gosto de fel
Nos veros que faço !

Nascem aguapés
No lago-brejal !
O sol de través
Aquece o juncal !
Vou de lés a lés,
A sós no dunal !

Sou fonte escondida
Em longe desvão !
Sou lira ferida
Em triste canção !

Com nuvens, bem cocho,
Instante decorre !
Verga o ipê-roxo
No vento que corre !

No vasto dunal
A vaga já rouca !
Que gosto de sal
Eu sinto na boca !



Na lângida hora
O cismar algoz !
Ó se eu fosse agora
Pássaro veloz,
Tal vez num milagre
O mágico de Oz...

ELEGIA AO CREPÚSCULO

Ó horas bem tardas,
Ó céu sem lampejo !
Que rudes mansardas
Nas vilas que vejo !

Balançavam os ramos
No vento a cantar !
Nós mudos estamos
Sem nada falar !

Os pobres fugidos
Da terra madraستا
Nas vilas contidos !
Que corpos sofridos
A sorte nefasta
Arrasta perdidos !

Balançam os ramos
No vento a cantar !
Nós mudos estamos
Sem nada falar !

Há fomes a rodo
No mundo sem pão !
Até algas do lodo
Banquetes serão !

Que lindos albores
Lá no céu aparecem !
Só manhãs de dores
Em mim amanhecem...



SOLFA VESPERAL

Zumbidos de insetos
Na tarde sem sol !
Dos livros diletos
Tão poucos no rol !

Um simples pesponto
Na mesa alinhavo.
Só dores reconto,
Na boca... que travo !

Mãos e faces lívidas,
De prantos me inundo !
Que pesadas dívidas
Eu pago no mundo !

Ó salso-chorão
À beira do lago !
Sim chora, chorão,
De choros me alago...

Fogem andorinhas
No fim do verão !
As ilusões minhas
Migrando já vão !

Carinhos mendigo
Nas trilhas do amor !
Solidões maldigo
Nas horas de dor !

Sonhos são venenos,
Só vertem peçonha,
Se negam terrenos
À mente que sonha !

O lápis eu punho,
Endechas eu gravo
E sonhos rascunho
Enquanto divago !

ESTIAGEM

Que seca cruel
Sem trigo na mó !
Que triste painel
Com cinzas no pó !

Há meses só seca
Que seca represa !
Que coisa tão peca
A flor na devesa !

Somente chuviscos
Escassos orvalhos !
A flor dos hibiscos
Já pende dos galhos !

Há vermes no mangue,
O sol – fogaréu –
Qual mancha de sangue
Pintada no céu !

O gado – que gula !
A seca – que teimas
O nordeste açula
O fogo das queimas !

Que doido verão
E gente sem paz !
Que triste visão
O campo me trás !

Há seca nos montes,
Há lama no vau !
Definham as fontes,
Que tédio tão mau !

Os lagos são lodos,
Os brejos são limo !
Não vejas engodos
Nos versos que rimo !

Árvores sem brotos
A safra que morra !
Da cana os vinhotos,
Dos vinhos a borra !

O sol – um rubi,
Que longas esperas !
Saudades de ti
Eu sinto deveras.

Esta seca – castigo !
Duros solos percorro,
Semente em perigo,
Plantas pedem socorro !
Vejo terras fendidas,
Duros solos palmilho.
Mil lavouras perdidas,
Sem espigas no milho.

Se crenças não colho
Na ceifa devida,
Me fica o restolho
Nas messes da vida !

Diverso na faina,
Mil coisas eu sei.
Não visto sotaina,
Mas no Ego sou frei !

Os próprios inhames
A seca destroça !
Carcaças – vexames,
Revolta na choça !



Distante lobrigo
Os corvos na ceva !
O tempo inimigo
O tempo não leva !

Despido jardim
(Murchas as bobinas !)
Tu cravas em mim
Espadas bem finas !

O sol – um rubi,
Num estojo de ouro !
Agrados de ti
Que belo tesouro !

HEXACÓRIDOS

Colho conchas bonitas
No vaivém das marés,
Também belas pepitas
Nos garimpos da fé !

Bem sólido no chão
Vejo o tronco do umbu.
Eu tenho o coração
De firmezas desnu !

Em gentil alameda
Caminhamos a sós.
E nem muros de seda
Existem entre nós !

Tão mimosa na cor,
Tu mimosa te chamamos
Amarela na flor
E com cachos em ramas !
- Tenho cachos de dor !



CONFITEOR

Do triste passado
Sou triste resumo !
Pássaro sem rumo
Adejo calado
Sem graça e aprumo !
Sou fruto atirado
Em terra sem humo !
Sou tosco caminho
Que a nada conduz !
Parcéis adivinho
Nas noites sem luz !

Plangências no sino
Nas plantas verdor !
Em vão peregrino,
Com cantos de agror !

Nas horas de dor
Ou triste acridez
Suplico clemência !
Eu tenho da flor
A fácil dolez,
A vã consistência !

Sou mísera célula
De vida bem breve,
Qual frágil libélula
No vento tão leve !

Sou sol sem calor,
Ocaso dolente !
Por quê tanta dor
Na vida da gente ?

Sou pobre vertente,
Sem línguas efusas !
Nos olhos somente
Lágrimas confusas !

Sou nuvem no céu,
Espaços toldando !
Sou pesar sem véu,
Na lira chorando...

ENDECHAS AO ESCURECER

Rolas, penas brancas.
Arrulham no pasto !
Subindo barrancas
As horas eu gasto !

Meus passos no trilho
Não deixam sinais,
Somente o rastilho
Das rimas banais !

Vagando sem norte
Só vago, não penso !
Escarpas de porte
Cansado não venço !

Eu sou triste homem,
Para cá não rumes !
Hoje não me tomem
A voz dos queixumes !

LITANIA OUTONAL

Que pássaro aflito
Soluça ao relento ?
Escuto seu grito
No grito do vento !

Sou barco sem leme,
Perdido no mar !
Sou folha que treme
Nos caminhos d ar !

Sou mastro quebrado
De nave sem rumo,
Perdido, coitado,
Eu próprio resumo
Nas ondas sem pista
O barco enxotado
Sem portos à vista !

Não troco meu pranto,
Mas risos permuta !
A vida não canto
Minuto a minuto !

FRIOS REVÉRBEROS

O velho salseiro,
De tronco nodoso
Balouça fagueiro
No vento moroso !

Hora de marasmos
E calmas de sesta !
Eu pleno de pasmos
No pasmo que resta !

Em sujas sarjetas
Rosas ninguém planta !
Só tenho grillhetas
Na seca garganta !

Fascinante a vida,
Uns podem dizer !
Eu a tenho sofrida
Com muito sofrer !

No alpendre balanços,
Balanços de dor !
Não tenho descansos,
Apenas... torpor !

Não mascaro a dor
Se sangro nas sarças !
Sou canhestro ator
No palco das farsas !

Quimeras transporto
Muralhas rompendo!
Meus sonhos exorto
Vivendo, sofrendo...



Pendor de cigano,
Que trapos remenda,
Eu sou soberano
À sombra da tenda!

EFLÚVIOS DA TERRA

I

Estradas bem longas,
Pelos campos erro !
Soltam arapongas
Tinidos de ferro !

Quero-quero dizes
E dizes sincero !
Momentos felizes
Aqui também quero !

Amores – boléus,
Lâminas de lanças !
Saudade – sovéus
Atando lembranças !

Açudes são águas
Captadas de mágoas
Eu tenho ! Não contes !

II

Folhedo curvado
Ao pé do ribeiro,
Sem novo parceiro,
O salso cansado
Decora o relvado
Em traço ligeiro !

Lembranças instigo
Ouvindo o barreiro !
Nos céus investigo
O sol em brasileiro !
Rúbido fustigo



Com santo calor
O grande furor
Que muda nos pagos
O afã costumeiro !

Ó salso do prado
Tu choras comigo !
Também o passado
- Transido te digo –
Eu lembro penado,
Pois tenho o embigo !
No pampa plantado !

Socós no lameiro,
As garças nos lagos !
Conservo lampeiro
Ancestrais afagos
Em fundos refolhos !
Nasci pegureiro,
Com campo nos olhos !

III

O sol não mais doura
A velha campina !
A velha lavoura
Aos poucos termina !

Colonos sem norte
Em solo fecundo !
Caprichos da sorte
Ou coisas do mundo?

IV

Somem as carroças,
Barulha o trator !
Máquinas nas roças,
Só vale o motor !

V

No velho taipal
A sanga murmura !
As lãs no sombral
Parecem gravura !

No campo perdizes
Têm ninhos rasteiros !
Eu sigo – tu dizes –
Bem rasos roteiros !

De rola no ninho
Tua voz de cristal,
Que fala baixinho
Em tom augural !

O tragal loureja,
O sol lucidez !
Cantos de narceja
A brisa conduz !

No chão campesino
Que festas de cor !
Das aves o hino,
Mas sinto langor...

O vento descansa
Em leve soprar
No verde confirm !
Em giros de dança
Planam aves no ar
E sonhos em mim !

BATUQUE

Batuque, batuque,
O canto ressoa !
Que negro de muque
No bombo que soa,
No toque que faz
Chamado orixás!

Mulatas faceiras,
Mostrando miçangas,
Dançando faceiras
Em doces cafangas !

Vagos burunduns,
Batidas de pés.
Relembro adarruns
De bons candomblés.

De congos e minas
Ficaram os ritos !
Batuque dominas
Que mescla de mitos !

Batuque, batuque
Gemem tamboris !
Tutuque, tutuque,
Tutuque feliz !

Flores de betume,
Bustos eriçados,
Olhares com gume
Em mim debruçados !

Eu tenho caforge
Eu tenho bentinho
Saravá São Jorge
Neste torvelinho !



Cafusos nas salas,
Recurvos os lombos,
Lembrando senzalas,
Falando em quilombos.

Gemem agogôs
Em velhos quabrantos
De pretos nagôs.
Morena vem cá,
Que meigos encantos,
Ó Deus Oxalá !

Figa-de-Guiné
Eu quero castiça !
Que bom cafuné
Tem olhar de mestiça !



QUADRAS SOLTAS

Ferinas lembranças
Ó céu não mitigas !
São velhas heranças,
Torturas antigas !

Inúteis talvez
Alentos recolho !
Lá de vez em vez
Ermidas escolho !

Flor-do-céu tão pura,
Repleta de cores !
Se Deus me procura
Do céu descem flores !

A flor-da-esperança
Tem tão branca flor !
A espera só cansa
Se cansa na dor !

Cortante navalha
O vento tenaz !
Ramagens retalha,
Tremores me tráz !

Brados enfadonhos,
Gestos desabridos,
Todos os meus sonhos
Parecem perdidos !

Vicejam espúrios
Tolos instintos.
Crescem os tugúrios
Dos pobres famintos.

As nuvens na altura,
Desejos carrego.
A paz já madura
Na haste não peço

Bons amores me dêem,
Sem afagos banais !
Feliz quem tem desvelos totais !

Escrever mal ousou,
Modulando arpejos !
És fruto odoroso,
Pomar de desejos !
Pelejo sem elmo
Nas lutas do bem !
Me basta o santelmo
Que vejo no além !

O lírio do charco
Que lírio tão puro !
Da pureza marco
No chão mais impuro !

A crença já rota,
Sem rumos eu giro !
Pária, gota a gota,
Tristezas respiro !

Sou pólen sem viço,
Estéreis sementes !
És doido feitiço
Nos olhos ardentes !

Janela fechada
Sofro sem alarde !
Sou lira calada
Na calma da tarde !



Aves em congresso
Nas verdes ramagens !
Os passos apresso
Em triste voragens...

Desfalece a tarde !
Sofro ? Quase nada !
Sou tédio covarde
Na tarde nublada !

Já queima a fornalha
Das dores letais
Os sonhos de palha
Que sonho com ais !

O verso saltério
E fadas as Musas !
Às vezes mistério
Em dores reclusas !

Dos versos que adoro
Só ritmo dimana !
Quantos eu decoro
Do grande Quintana !

VULTOS DISTANTES

RENATO DA CHUNHA

Leal testemunha
Do tempo vivido,
Ferrete temido!
Bons tronos lhe montem
E tronos à cunha !
A cítara de ontem,
Renato da Cunha
Os idos que contem.

FRANCISCO RICARDO

Em tristezas eu ardo,
Que fado sinistro,
O tédio – que fardo !
Do verso ministro
Um nome só cardo
Agora registro :
Francisco Ricardo,
Que sonoro bardo
Nas cordas do sistro !

VARGAS NETO

Grande Vargas Neto,
Das Musas dileto !
Lidaste na forja
Do verso perfeito !
Filho de São Borja,
Tiranas na gorja,
Milongas no peito !



LOBO DA COSTA

Em rudes locandas,
Da vida fugindo,
Libaste chorando,
Mas hoje te agrandas
Qual astro luzindo
Pra sempre brilhando
Em rara curul.
Com lindas guirlandas
Nas auras do sul...

OLMIRO AZEVEDO

Amaste as videiras
Cobertas de cachos,
O trigo nas eiras
De louros penachos !

A Serra das vinhas
Cantavas com gosto.
Bons sumos tu tinhas
Tirados do mosto !



NOITES MANSAS

Das baladas o que resta ?
Longe o tempo das bonanças,
Os cantos em seresta,
No compasso das romanças !

Época triste, funesta !
Ontem belas noites mansas,
Vividas em linda festas,
Hoje pálidas lembranças !

Flautins doces os primeiros,
Rabecas também enfim,
As valsas no cavaquinho !

Ternos os sons seresteiros,
O choro do bandolin
Nunca chorava sozinho...



NOS MEUS TEMPOS

Nos meus tempos de ginásio,
Nos jardins eram comuns
Cravos de puro topázio
E rosas como debruns !

Cantos, flores e suspiros,
Também cantavam regatos !
Olhos de furtivos giros,
A depender de recatos !

Com plátanos a pracinha
Da gente simples, bem povo,
Da velha igreja vizinha !

Quando a beldade não vinha,
Chorava eu choros de novo
No soluçar da bandinha !

CANTIGA DO BEM-ME-QUER

Sutil oferenda
U hoje te mando,
Provinda da senda
Que vou desbastando.

São flores silvestres,
Colhidas na relva,
Onde velhos mestres
Do campo e da selva
Desprendem trinados
Em cantos ovantes
Que nos calmos prados
Alegram passantes!

Flores à granel
Recamam caminhos,
Como num vergel,
Referto de ninhos,
Brotando nos cumes,
Nos vales amenos !
Todas tem perfumes
Ou cores, ao menos,

Por isso te mando
Todo este buquê,
O maior do mundo,
Tu sabes porque...

Mando o malmequer
- Por final escolha –
Com o **bem-me-quer**
Sim, em cada folha !



RÉQUIEM EM SURDINA

Que negro sudário,
Que negror lá fora !
Que ser solitário
Eu sou neste hora !

Pastam avestruzes
Á roda do pouco.
O vulto das cruzes,
Em morto repouso,
A gente divisa
Rumo do poente.
A sanga deslisa
Na lenta corrente !

Pequeno, com crestas
E valas sem dono,
Só tumbas modestas,
Pejadas de sono !



ÀSPERA VIVÊNCIA

O sino de bronze
Na torre rouqueja.
Pra missa das onze
Penetro na igreja

O coração crente,
Deus dos martírios
Eu sinto presente
Na chama dos círios.

Meus pecados peso
- O pecado lava –
Geralmente rezo
Sem dizer palavra.

O sino tão forte
Na torre bimbalha !
Só dores de morte
Meu ser agasalha !



DONA VIDA

Dona Vida, que desejo
De falar, enfim, contigo
Pois na dor eu sempre vejo
A vil marca do castigo !

Penso, mas em vão pelejo
E certezas não consigo !
Se velhas lições revejo
Também calo e nada digo !

Uns: “Dona Vida arrebatada !”
Outros, revelando queixa:
“Milhares ela maltrata !”

Hoje sei, sei por sofrer:
Dona Vida nunca deixa
Um sonho bom florescer !

FLOR-DAS-ALMAS

Se pelas estradas passo
Vejo-te viçando aos centos,
Ramos finos, fulvo traço,
Dócil ao soprar dos ventos !

Dizem-te composta rude,
Mas eu penso diferente !
O verde campo, o talude
Tu decoras amplamente !

Quando em festas de renovo,
Derramas em loira cor
Corolas que o sol espalma !

Flor-das-almas diz o povo:
Eu não vejo almas sem flor,
Não vejo flores sem alma !



HORA NOTURNAL

Hora noturnal
De tons inseguros !
Já some o moital
Nos campos escuros !
Perto, no brejal,
Há vozes de anuros !
Algo de brumal
Oscila nos muros !
No vasto cardal
Sorrisos futuros
Espero afinal
Sem gestos perjuros !

O tempo não vence
Meus transe passados,
Mas fazes suspense,
De lábios cerrados...

CRUZ NA SOLIDÃO

Inútil captar
No bojo das conchas
As vozes do mar !
Inútil buscar
Estradas desertas !
Inútil falar
As asas que passam
Em brando rumor !
As aves não levam
Mensagens de dor !
Inútil rezar
Tão longe de ti !
Em tênue zumzum
As preces se perdem
Sem eco nenhum...

Sou mero fantoche
Em frustro cismar !
Tripúdios, deboche
Em parva mesmice
Só posso escutar !

Que grande tolice
Agora sonhar !
Em parva mesmice
Só posso ficar...

Inútil colher
A flor do relvado !
Só posso sofrer
Assim desterrado

Sem bálsamos ter !
O sonho fanado
Eu quero esquecer !



O vento já verga,
Em cavos rouquidos,
Os juncos do lago,
Enquanto pervago
Caminhos perdidos...

Nesta solidão
Ignóbil enfado !
Não vejo clarão
No céu negregado !

O sonho fanado,
As mortas belezas
Eu quero esquecer !
Tamanhas tristezas
Não posso suster !

Sou débil raiz
Sem água no solo !
Secos bogaris
Eu trago no colo !



SINAIS DOS TEMPOS

Ó mundo sem rota
Na crise final !
Do rancor só brota
O pomo letal !

Cegos fanatismos
Escavam trincheiras
E fundos abismos !
Crepitam fogueiras
De maus fanatismos !

Há credos e raças
Em luta voraz !
Imperam desgraças
No mundo sem paz !

Gritos de horror
Eu sopro na tuba !
- O átomo-pavor
Desastres incuba !

Orbe moribundo,
Com rubros espantos
No vento iracundo
Em todos recantos,
Em lúgubres sons,
Em feros grunhidos !
Já somem os bons
Da liça fugidos !

Existem venenos
Nos solos, no lar !
Que deuses amenos
Nos podem salvar ?



Torpes fosforatos
E malignos pós
Deixam os sensatos
Com brados na voz !

Que deuses amenos
Nos podem salvar?

Possantes turbinas,
Dejetos no mar !
Imensas usinas
Os céus a nublar !

Nas asas dos jatos
O espaço sem termos,
Desbastes nos matos,
Mais terras com ermos!

Radar, gasodutos,
Progressos enfim !
Em muitos redutos
Misérias sem fim...

Puros oxigênios
Já são raros no ar
Que divinos gênios
Nos podem salvar ?



DESOLAÇÃO

Finda o sol no horizonte
A tristeza não sepulto !
Ando devagar, insonte,
Neste vão sofrer estulto !

Numa prece baixo a fronte,
Mas esqueço logo o culto,
Sem crenças com que defronte
Frustrações de tanto vulto !

Quando toda fé soçobra
E o desfalecer o assalta
Flexível o ser se dobra !

Em ais tudo se desdobra :
O bem muitas vezes falta
Ao lado do mal que sobra !



DESCOBERTA

Levado por minha sina,
Andei por muitas paragens,
Até por seca ravina.
Senti em lóbregas paisagens
A sede má que alucina
Na decepção das miragens.

Buscando talvez a essência,
Sempre à mercê do destino,
Achei, enfim, Dona Inocência
Na candidez do menino.

Compreendo, pois, agora
Da vida o signo mais lindo:
Dentro de nós, toda hora,
Há uma criança sorrindo...



NA PRAÇA

Reclamos de gás-neon
Reluzem na praça larga
Autos de forte **klaxon**
Motos de rouca descarga.

Ouço dos jatos o trom,
Rumor que no céu se alarga,
Qual bárbaro pororom,
Que brulhas outras embarga !

Meninos num ir-e-vir,
Quase todo maltrapilhos,
Ágeis no afã de pedir !

Opresso me quedo mais,
Vendo sem pais tantos filhos
E sem filhos tantos pais !

SONETILHO MÍSTICO

Eu também sou solitário
Até na dor sem rival,
Nenhum amor solidário
Amenizando o sarçal.

Neste retiro precário
Eu sinto enfado total,
Que lancinante calvário
Viver assim no pragal.

A visões calmas converso !
Me vejo a pensar ao léu,
A visões calmas converso !

Contemplo a luz de Belém
E se hinos ergo ao céu
Dos anjos ouço o Amém...

NA HORA DOS DESCONSOLOS

Antigos discos da Odeon,
Nasce o so-em rubro parto.
Algente a hora marron
Do vento sul estou farto.

Lá fora, da vida o **front**,
Aqui a languidez do quarto :
Entre bons livros e o som
Todo meu tempo reparto !

Bebo Lorca dose a dose,
Logo lembro Vitor Hugo,
Que me diminui a neurose !

Se piso em adversos chãos
Os cardos são novo jugo
No jugo dos sonhos vão !

SEPTETOS EM SUSSURRO

Estes septetos sem brilho
Tem notas da solidão !
O Dó – da dor estribilho,
O Lá – das penas refrão !

Dores, dores em ciranda
Neste instante ilusório,
Sem cantos de sarabanda,
E sem salmos de oratório !

As escalas de igual tônica
Tem dó maior, dó menor !
Com tanta tristeza agônica
Sinto sempre o dó maior !





Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

[Catálogo do Projeto Passo Fundo](http://www.projetopassofundo.com.br)
www.projetopassofundo.com.br

Bacharelou-se pela Faculdade de Direito da Universidade Gama Filho e Faculdade de Filosofia da Universidade do Brasil.

Concluiu igualmente inúmeros cursos de extensão universitária, como o de Pesquisa Social, promovido em 1950 pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, sob a direção do Prof. Valdecir Freire Lopes.

Ainda na antiga Capital Federal organizou em 1962, o C.T.G. Estância dos Gaudérios, que congregou as figuras mais representativas da colônia sulina lá radicada.

A abonar-lhe a bibliografia, o autor tem trabalhos do quilate de O Pompa Heroico, Aspectos Políticos da Sociogênese Rio-Grandense, Vozes da Querência, O Solitário da Casa Branca (vida e obra de Apolinário Porto Alegre), 18 de Julho (conferência sobre a Sociedade Partenon Literário), Estudo sobre Alceu Wamosy, Nascuntur Poetae (o simbolismo no Rio Grande do Sul), Coletânea de Poetas Sul-Rio-Grandense e Marcelo Gama, obras que, quando vindas a lume, lograram expressivo êxito de crítica, hoje todas esgotadas.



Fund
Domínio Público
Biblioteca digital desenvolvida em software livre



Projeto
Passo Fundo
Abrindo o futuro